

# Comunicações

## da Faculdade Batista Pioneira

*A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica*

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.008



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## ENTRE A FUGA E A MISSÃO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DE JONAS

### Between Flight and Mission: An Analysis of the Book of Jonah

Eduardo de Sousa Rodovalho<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo propõe uma análise exegética e hermenêutica do livro de Jonas, utilizando o método histórico-gramatical como base interpretativa. O estudo segue a estrutura narrativa do texto bíblico, examinando cada um dos seus quatro capítulos em sua sequência literária, com ênfase nas expressões textuais, nas ações dos sujeitos e nos espaços simbólicos. Ao percorrer a fuga do profeta, sua experiência no ventre do peixe, a pregação em Nínive e seu confronto final com Deus, evidencia-se uma teologia da misericórdia divina, em contraste com a mentalidade humana. A leitura propõe uma compreensão do texto que considera sua dimensão histórica, literária e teológica, revelando a atualidade de seus temas para a espiritualidade e missão contemporâneas.

**Palavras-chave:** Jonas. Narrativa profética. Misericórdia divina.

#### ABSTRACT

This article proposes an exegetical and hermeneutical analysis of the book of Jonah, using the historical-grammatical method as an interpretative basis. The study follows the narrative structure of the biblical text, examining each of its four chapters in their literary sequence, with emphasis on textual expressions, the actions of the subjects, and symbolic spaces. By tracing the prophet's flight, his experience in the belly of the fish, his preaching in Nineveh, and his final confrontation with God, a theology of divine mercy is evident, in contrast to the human mentality. The reading proposes an understanding of the text that considers its historical, literary, and theological dimensions, revealing the relevance of its themes for contemporary spirituality and mission.

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia Profissional pela FABAPAR. E-mail: [eduardo.rodvalho@yahoo.com.br](mailto:eduardo.rodvalho@yahoo.com.br)

**Keywords:** Jonah. Prophetic narrative. Divine mercy.

## INTRODUÇÃO

O livro de Jonas destaca-se entre os escritos proféticos do Antigo Testamento por sua estrutura narrativa peculiar. Diferentemente dos demais profetas que transmitem oráculos ao povo, Jonas é o personagem central de uma história que expõe sua resistência à missão divina e os desdobramentos pedagógicos dessa desobediência. Apesar de sua brevidade – apenas quatro capítulos –, o livro apresenta uma narrativa teológica densa, marcada por simbolismos, contrastes e diálogos que ressaltam, sobretudo, a misericórdia de Deus em relação ao pecador arrependido.

O presente artigo propõe investigar: como o livro de Jonas articula, por meio de sua estrutura narrativa e elementos simbólicos, a tensão entre a justiça e a compaixão divina, em contraste com o posicionamento do profeta? A escolha dessa temática justifica-se pela atualidade da mensagem de Jonas, que interpela leitores de todas as épocas quanto à abertura do coração à graça de Deus. Ao apresentar um profeta em confronto com a bondade divina, o livro convoca seus leitores a refletirem sobre a natureza da misericórdia de Deus e os limites que a religiosidade humana tenta impor à compaixão do Senhor.

O objetivo do texto é compreender como a narrativa de Jonas comunica, por meio de espaços físicos (como o mar, o ventre, a cidade e o deserto) e sujeitos contrastantes (Jonas, marinheiros, ninivitas e o próprio Deus), o coração de um Deus compassivo e perdoador — um Deus que oferece oportunidade ao arrependimento antes do juízo. Para isso, adota-se como abordagem o método histórico-gramatical, articulando uma leitura exegética e hermenêutica do texto bíblico em sua sequência canônica, com ênfase na construção literária, nos elementos teológicos e na aplicação pastoral da mensagem.

A tradição do Antigo Testamento menciona Jonas fora do livro que leva seu nome apenas em 2 Reis 14.25, no contexto do reinado de Jeroboão II no Reino do Norte, na primeira metade do século VIII a.C., o que oferece um dado histórico para a identificação do profeta. Apesar disso, há quem sustente que o livro de Jonas não se trate de uma narrativa histórica, mas de uma alegoria, parábola ou midrash – categorias literárias que transmitem verdades espirituais por meio de recursos narrativos e estilísticos elaborados. Tais interpretações, contudo, muitas vezes refletem uma relutância em aceitar a possibilidade de ocorrências milagrosas na história, como a permanência de Jonas no ventre de um grande peixe. A menção de Jesus ao episódio, registrada em Mateus 12.40-41, não apenas reforça a significância teológica da narrativa como também aponta para sua autenticidade, ao reconhecer o sinal de Jonas como paralelo à sua própria morte e ressurreição.

## 1. PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO DO LIVRO DE JONAS

O livro de Jonas narra a história de um profeta histórico de Israel, identificado como Jonas, filho de Amitai, natural de Gate-Hefer, uma cidade localizada na região da Galileia,

posteriormente conhecida por sua associação com Caná da Galileia. Sua atuação como profeta ocorreu durante o reinado de Jeroboão II (c. 786-746 a.C.), no Reino do Norte, conforme registrado em 2 Reis 14.25. É provável que tenha exercido seu ministério contemporaneamente a outros profetas como Oséias e Amós, num período de intensas tensões políticas e expansão do poder assírio.

A missão de Jonas, porém, se distingue radicalmente das missões proféticas usuais: ele é enviado não ao povo de Israel, mas a uma nação estrangeira – a cidade de Nínive, capital do império Assírio, arqui-inimigo de Israel. Situada na margem oriental do rio Tigre, na região da antiga Mesopotâmia (atualmente próximo a Mossul, no Iraque), Nínive era uma cidade-estado de notável influência e grande extensão. Suas atrocidades e brutalidade como potência militar tornaram-se conhecidas até mesmo fora de suas fronteiras, sendo assim declaradas por Deus: “A sua malícia subiu até mim” (Jn 1.2b).

Em contraste, Társis – destino escolhido por Jonas para fugir da missão divina – ficava na direção oposta, sendo uma cidade fenícia localizada na região da atual Espanha, próxima ao Estreito de Gibraltar. Essa escolha geográfica tem função simbólica na narrativa: Jonas foge da presença de Deus rumo ao “fim do mundo conhecido”, revelando sua rejeição deliberada à missão recebida.

Embora incluído entre os livros proféticos, o livro de Jonas não segue o padrão habitual das profecias. Ele não contém oráculos nem coleções poéticas (com exceção do capítulo 2, onde aparece uma oração em forma de salmo), mas sim uma narrativa em prosa sobre a missão relutante de um profeta hebreu enviado a um povo pagão. A singularidade da obra repousa exatamente nisso: trata-se de um relato sobre o profeta, e não do profeta, sendo uma teologia narrativa sobre o agir de Deus e a resposta humana diante da compaixão divina.

Teologicamente, o livro destaca o papel de Israel como instrumento de bênção às nações, em consonância com a promessa feita a Abraão (Gn 12.1-3). A relutância de Jonas em proclamar a mensagem àquela nação estrangeira revela um coração em descompasso com a vocação missionária que Israel havia recebido. Nesse sentido, Jonas não é apenas um personagem, mas um espelho de Israel e, por extensão, da humanidade diante da graça de Deus.

Essa dimensão é reforçada pelo próprio Jesus Cristo, que ao ser questionado por sinais pelos fariseus, faz menção direta ao episódio de Jonas: “Porque, assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mt 12.40). A referência de Jesus não apenas autentica o valor teológico do relato, como aponta para o cumprimento messiânico que ele representa: o sinal de Jonas antecipa a morte e ressurreição de Cristo, e a proclamação universal do Evangelho que se seguiria.

Por fim, a estrutura do livro pode ser resumida na sequência: a fuga (cap. 1), a oração (cap. 2), a pregação (cap. 3) e o aprendizado (cap. 4). Tal progressão revela uma teologia em movimento, que conduz o leitor do juízo à graça, da resistência ao entendimento, e do exclusivismo ao chamado à compaixão universal.

## 2. JONAS CAPÍTULO 1: A FUGA E A SOBERANIA DE DEUS

O primeiro capítulo do livro de Jonas inicia-se com uma expressão comum aos textos proféticos: “Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai” (Jn 1.1). A ordem divina era clara: o profeta deveria ir à grande cidade de Nínive, capital do império Assírio, e anunciar o juízo de Deus sobre a sua maldade. Essa fórmula introdutória normalmente precederia uma sequência de oráculos, mas, de modo surpreendente, o foco narrativo desloca-se rapidamente da palavra divina para a reação do profeta: “Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor, para Társis” (v.3).

A fuga de Jonas é descrita com uma notável progressão descendente, enfatizada pelo uso repetido do verbo hebraico *yarad* (יָרַד): ele desce a Jope, desce ao navio e, por fim, ao porão da embarcação (v.3,5). Esse movimento descendente representa mais do que um deslocamento físico – revela uma decadência espiritual, uma tentativa deliberada de se afastar da presença ativa de Deus. Társis, uma colônia fenícia localizada no extremo oeste do mundo conhecido (atual Espanha), simboliza o exílio voluntário e a rejeição da missão divina, em claro contraste com Nínive, o lugar da obediência e do cumprimento do chamado profético.

Enquanto Jonas dorme no porão, o texto relata que “o Senhor lançou sobre o mar um forte vento” (v.4). Essa imagem demonstra o domínio soberano de Deus sobre os elementos naturais, que se tornam instrumentos para confrontar a rebeldia do profeta. A tempestade é, nesse sentido, um meio pedagógico, não apenas um castigo. O contraste entre a passividade de Jonas – que dorme profundamente – e o desespero dos marinheiros revela a ironia narrativa: os pagãos clamam a seus deuses, enquanto o profeta do Deus verdadeiro silencia em fuga.

Os marinheiros, desesperados por compreender a causa da tormenta, recorrem à prática de lançar sortes – um método comum de adivinhação na Antiguidade. Curiosamente, esse procedimento também era utilizado por hebreus em certos contextos religiosos, sob orientação divina (Lv 16.8; Js 7.14; 1Sm 14.41). No caso presente, Deus soberanamente dirige a sorte que recai sobre Jonas, revelando sua responsabilidade. Ao ser interrogado, Jonas confessa: “Sou hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca” (v.9). A reação dos marinheiros é de perplexidade e temor: como alguém pode desafiar um Deus tão poderoso?

A confissão do profeta evidencia que, mesmo em fuga, Jonas conhece a grandeza do Deus a quem serve – o Criador soberano de tudo. Sua desobediência, no entanto, coloca em risco não apenas sua vida, mas também a dos que estão com ele. Reconhecendo a gravidade de sua conduta, Jonas se oferece voluntariamente para ser lançado ao mar, assumindo a culpa pelos acontecimentos (v.12). Apesar disso, os marinheiros relutam, demonstrando uma ética e compaixão que contrastam com o próprio profeta. Eles oram antes de lançá-lo ao mar, e é notável que invocam o nome do Senhor usando o termo *lavé* (יְהוָה), sinalizando uma mudança em sua percepção espiritual.

Assim que Jonas é lançado às águas, o mar se acalma imediatamente – um sinal claro da intervenção divina. O texto afirma que os marinheiros “temeram grandemente ao Senhor” e “ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos” (v.16). A tempestade termina, mas o impacto espiritual permanece. Aqueles homens, que começaram a narrativa como pagãos clamando a divindades genéricas, encerram o episódio como adoradores do Deus verdadeiro.

Neste capítulo, os espaços (mar, navio, porão) são teologicamente carregados, representando a fuga do propósito de Deus e o progressivo afastamento espiritual. Os sujeitos secundários – os marinheiros – tornam-se exemplo de reverência, superando a postura do próprio profeta. A soberania de Deus se revela não apenas no controle sobre o mar e a sorte, mas também na capacidade de despertar fé em corações improváveis. A pedagogia divina inicia aqui seu curso: ao mesmo tempo em que confronta o profeta, começa a revelar ao leitor que a compaixão de Deus não se limita ao povo da aliança, mas estende-se a todos os que reconhecem Sua majestade.

### **3. JONAS CAPÍTULO 2: O VENTRE DO GRANDE PEIXE COMO LUGAR DE ORAÇÃO E REDENÇÃO**

O segundo capítulo do livro de Jonas apresenta uma virada narrativa e teológica significativa. Após a dramática fuga e subsequente queda nas águas do mar, Jonas encontra-se no ventre do grande peixe, onde permanece por três dias e três noites (1.17). Esse espaço liminar – ao mesmo tempo isolado, opressor e redentor – torna-se o cenário de uma oração intensa, que marca a retomada do diálogo entre o profeta e seu Deus.

A estrutura literária do capítulo é notavelmente distinta do restante do livro. Aqui, a prosa dá lugar à poesia: a oração de Jonas assume a forma de um salmo de ação de graças, assemelhando-se aos salmos de lamento individual (Sl 18; 42; 69; 120). Isso evidencia que o profeta recorre à tradição litúrgica de Israel para expressar sua experiência de livramento, mesmo no contexto de julgamento e isolamento. A linguagem é rica em paralelismos, imagens do abismo e expressões da esperança que renasce da aflição.

O texto hebraico inicia com a declaração: “Então Jonas, do ventre do peixe, orou ao Senhor, seu Deus” (2.1). O termo utilizado para “ventre” (*me`ê*, מעה) também pode ser traduzido como “entranhas”, conferindo à oração uma dimensão existencial profunda. O ventre do peixe é apresentado como metáfora do Sheol (v.2), o lugar dos mortos na cosmovisão hebraica, enfatizando que Jonas experimenta uma espécie de morte simbólica e, posteriormente, ressurreição.

A oração alterna entre a descrição vívida do sofrimento (2.3-6) e o louvor pelo livramento já antecipado (2.7-9). Elementos como “as águas me cercaram até a alma” (v.5), “o abismo me envolveu”, e “desci até os fundamentos dos montes” (v.6) sugerem não apenas uma angústia física, mas também espiritual e teológica: Jonas reconhece que seu afastamento de Deus o levou às profundezas. Contudo, ele também declara: “quando a minha alma desfalecia em mim, eu me lembrei do Senhor” (v.7), retomando a linguagem da aliança e da confiança.

A estrutura do salmo é, em muitos aspectos, genérica e composta por elementos recorrentes na literatura devocional de Israel. Isso sugere que Jonas possivelmente utilizou expressões consagradas da tradição litúrgica, construindo uma oração a partir de fragmentos de salmos e hinos conhecidos. Essa composição híbrida amplia a aplicabilidade do texto: o leitor de qualquer época pode se ver representado na experiência do profeta, reconhecendo na sua oração um caminho de retorno a Deus.

No versículo 8, surge uma crítica implícita à idolatria: “Os que se apegam a ídolos vão afastam de si a misericórdia”. O termo hebraico *hesed* (חסד), aqui traduzido como “misericórdia”, carrega o sentido de fidelidade à aliança, de amor leal. Ao contrastar os fiéis com os ídólatras, Jonas reafirma a exclusividade da salvação que vem do Senhor. Sua conclusão no versículo 9 é o ponto culminante da teologia do capítulo: “Ao Senhor pertence a salvação” – uma confissão de fé que reconhece que a redenção está nas mãos do Deus de Israel, não nos méritos humanos.

O capítulo encerra com uma ação direta de Deus: “Então o Senhor falou ao peixe, e este vomitou Jonas em terra seca” (v.10). Essa transição abrupta reforça o domínio absoluto de Deus sobre a criação e o tempo da salvação. O ventre do peixe não é, portanto, uma prisão, mas um espaço pedagógico – um útero simbólico onde ocorre a reconfiguração da missão e do coração do profeta. Ele entra ali como fujão e sai como alguém novamente comissionado, ainda que sua compreensão da graça divina permaneça limitada.

Teologicamente, a oração de Jonas tem um papel estratégico: ela evidencia que o profeta se reconhece como um receptor indigno da graça divina, resgatado apesar de sua rebelião. Paradoxalmente, essa mesma experiência de misericórdia se tornará o motivo de seu descontentamento no capítulo 4, quando Deus estende graça aos ninivitas. Desse modo, a oração prepara o leitor para uma avaliação crítica do coração do profeta, revelando a tensão principal do livro: Deus deseja salvar, mas nem sempre seus mensageiros estão dispostos a aceitar a amplitude dessa salvação.

#### **4. JONAS CAPÍTULO 3: O JUÍZO ANUNCIADO E A MISERICÓRDIA SURPREENDENTE**

O terceiro capítulo do livro de Jonas marca o recomeço de sua missão, agora com obediência. A narrativa reintroduz a chamada divina com a repetição deliberada da fórmula: “Veio a palavra do Senhor a Jonas segunda vez” (3.1). Essa reiteração não é apenas estilística, mas teológica: revela que o chamado de Deus permanece inalterado, mesmo diante da falha humana. Desta vez, Jonas responde positivamente – “Jonas se levantou e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor” (3.3) –, sugerindo uma mudança parcial de atitude, ainda que seu coração, como se verá, continue em conflito com a misericórdia divina.

O texto enfatiza a magnitude de Nínive: “uma cidade muito importante diante de Deus” (3.3b). A expressão hebraica *gadolâ le'lohim* (גדולה לאלהים) pode ser traduzida como “grande para Deus”, sugerindo não apenas sua extensão geográfica – que, segundo o relato, exigia três dias para percorrê-la –, mas também seu peso teológico. Nínive era o símbolo máximo da

potência assíria, inimiga histórica de Israel, e sua grandeza diante de Deus revela que o Senhor se importa com os destinos de todas as nações, inclusive aquelas consideradas hostis ao povo da aliança.

A pregação de Jonas é notavelmente breve: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (3.4). O verbo hebraico *nehpaket* (נהפכת) pode ser traduzido como “destruída” ou “transformada”, e essa ambiguidade é essencial à tensão teológica do capítulo. O texto não menciona explicitamente a possibilidade de arrependimento ou de misericórdia – ao menos, não nos lábios do profeta. Ainda assim, a reação do povo é imediata e intensa.

Os ninivitas, conhecidos por sua crueldade e idolatria, interpretam a mensagem de Jonas como sinal da intervenção divina. Provavelmente, sua pregação solitária no meio da cidade, sem anúncio formal ou aparato ritual, causou forte impressão, perturbando os moradores e despertando um temor coletivo. A resposta popular inclui jejum, vestes de pano de saco e clamor a Deus – práticas comuns no contexto do Antigo Oriente Próximo diante de calamidades iminentes, geralmente voltadas à tentativa de apaziguar a ira das divindades.

A reação chega ao ápice com a atitude do rei de Nínive. Embora o texto não mencione seu nome, é possível que tenha sido Adad-nirari III (810-783 a.C.) ou Assurdã III (771-754 a.C.), ambos imperadores assírios do período em que Jonas provavelmente viveu. O rei desce do trono, cobre-se de pano de saco e assenta-se sobre cinza – um gesto de humilhação extrema –, e emite um decreto abrangente que ordena jejum não apenas aos humanos, mas também aos animais. Essa inclusão simbólica dos animais reforça a totalidade da resposta da cidade diante do anúncio de destruição.

O versículo 9 explicita a esperança: “Quem sabe se Deus não se voltará e se arrependerá...?” A expressão hebraica para “se arrependerá”, *naham* (נחם), pode significar tanto “mudar de atitude” quanto “compadecer-se”. O reconhecimento do poder soberano de Deus – mesmo sem conhecê-lo plenamente – já é uma mudança significativa. Embora não se saiba em que medida os ninivitas chegaram a compreender ou adorar lavé, o texto é claro ao afirmar que houve uma mudança de comportamento: “converteram-se do seu mau caminho” (3.10).

O versículo final registra a resposta divina: “Viu Deus as obras deles... e Deus se arrependeu do mal que tinha dito que lhes faria, e não o fez”. O uso do verbo *naham* aqui novamente revela que o coração de Deus é sensível ao arrependimento genuíno, mesmo entre os que estão fora da aliança. Deus vê as ações, não apenas as palavras, e responde com misericórdia.

A ausência de detalhes sobre a natureza da fé dos ninivitas reforça a intenção teológica do autor: o foco não é a conversão formal ao culto de Israel, mas a revelação da compaixão divina que transcende fronteiras étnicas e religiosas. Ainda que os ninivitas não tenham permanecido no temor do Senhor – como evidenciam as profecias posteriores de Naum e Sofonias, que anunciam sua queda –, o texto demonstra que a misericórdia de Deus é real e eficaz diante de uma resposta imediata de humildade e mudança.

Este capítulo representa o clímax da ironia narrativa: o profeta relutante prega uma mensagem incompleta, e ainda assim a cidade inteira responde com arrependimento. Deus, fiel à sua natureza compassiva, suspende o juízo. A soberania divina, o livre agir da graça e a abertura de Deus para com os “de fora” são os verdadeiros protagonistas da narrativa. Jonas, nesse ponto, permanece em silêncio – sua reação, contudo, virá no capítulo seguinte.

## 5. JONAS CAPÍTULO 4: O CORAÇÃO DO PROFETA E A PEDAGOGIA DE DEUS

O capítulo 3 encerra-se com a maior surpresa do livro: os temíveis e idólatras ninivitas respondem com arrependimento à breve pregação de Jonas, e Deus, em Sua compaixão, decide não executar o juízo anunciado. O que para o leitor representa uma vitória da misericórdia, para Jonas torna-se motivo de frustração e indignação. O capítulo 4, então, desloca o foco do texto dos acontecimentos públicos para o conflito íntimo do profeta. Aqui, mais do que relatar fatos, o livro busca ensinar – e sua lição mais profunda será dada não aos ninivitas, mas ao próprio mensageiro de Deus.

Logo no versículo 1, a reação de Jonas é descrita com intensidade: “isso desagradou profundamente a Jonas, e ele ficou irado”. O verbo hebraico *harah* (חרה) transmite a ideia de um ardor interior, uma perturbação emocional e espiritual diante da decisão divina de perdoar. Jonas ora novamente, mas agora em forma de protesto: “Ah! Senhor! Não foi isso que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me preveni, fugindo para Társis...” (v.2). Em sua oração, o profeta evoca o conhecido credo do Êxodo: “Eu sabia que tu és Deus compassivo, misericordioso, tardio em irar-se, grande em benignidade e que te arrependes do mal” (Êx 34.6). Essa confissão, que deveria ser fonte de adoração, é usada aqui como queixa – Jonas reconhece o caráter de Deus, mas não o aceita quando dirigido àqueles que ele considera indignos.

Jonas, então, deseja a morte: “Tira, pois, ó Senhor, a minha vida, porque melhor me é morrer do que viver” (v.3). A reação extrema do profeta revela a profundidade de seu ressentimento. Ele esperava a aplicação da ira divina sobre os pecadores impenitentes e, frustrado por não ver esse juízo concretizado, recorre à autocomiseração. Nesse momento, o Senhor o confronta com uma pergunta pedagógica: “É razoável essa tua ira?” (v.4). Deus não responde com punição, mas com um convite ao exame do coração.

Jonas se retira da cidade e se assenta “ao oriente” (v.5), à espera do que ainda poderia acontecer com Nínive. Ele constrói uma enramada, um abrigo provisório, revelando que, apesar da proclamação divina, ainda esperava alguma reviravolta. O cenário muda novamente: o deserto torna-se a nova sala de aula onde Deus continuará sua pedagogia. O Senhor “prepara” (mesma raiz usada no capítulo 1 para o grande peixe) três elementos: uma planta (*qiqayon*), um verme e um vento oriental quente. Cada um cumpre um papel didático no trato de Deus com o profeta.

Jonas se alegra grandemente com a planta que lhe oferece sombra (v.6), mas quando esta murcha pela ação do verme, e o vento quente o fustiga, ele mais uma vez deseja a morte (v.8). É nesse ponto que o Senhor traz a aplicação final da lição: “Tu te compadeces da planta,

pela qual não trabalhaste... e eu não hei de me compadecer da grande cidade de Nínive?” (v.10-11). O argumento é claro e profundo: se Jonas se comove por uma planta efêmera, por que Deus não teria compaixão de uma cidade com mais de 120 mil pessoas e muitos animais?

A pedagogia divina revela que o verdadeiro conflito do livro não era entre Deus e os ninivitas, mas entre Deus e o coração do profeta. Jonas conhecia a misericórdia de Deus teoricamente, mas não aceitava sua aplicação ampla e universal. Ele queria um Deus justo para os outros e misericordioso para si. A lição final é dirigida tanto ao profeta quanto ao leitor: a compaixão divina é maior do que nossas preferências religiosas ou expectativas de justiça retributiva.

O livro encerra-se de forma abrupta e aberta. Não há resposta de Jonas. O silêncio do profeta é o espaço para a reflexão do leitor: como reagimos quando Deus é misericordioso com aqueles que julgamos indignos? Estamos dispostos a amar como Deus ama? A pergunta permanece ecoando.

A narrativa nos mostra que o desejo de Deus é que todos se arrependam e vivam – como afirma 2 Pedro 3.9: “O Senhor não retarda a sua promessa..., mas é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.” O livro de Jonas, portanto, não é apenas sobre um profeta e uma cidade, mas sobre o coração de Deus e sua insistente pedagogia com aqueles que Ele chama para anunciar Sua graça.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura exegética e hermenêutica do livro de Jonas revelou a notável riqueza de sua construção literária e profundidade teológica. Em apenas quatro capítulos, o texto apresenta uma narrativa densamente simbólica e espiritualmente provocativa, que articula temas centrais como vocação e desobediência, juízo e arrependimento, identidade religiosa e missão transcultural, justiça e compaixão. A análise capítulo por capítulo permitiu perceber o cuidado com que o autor bíblico constrói uma história que vai além do relato factual, convidando o leitor a um exame profundo do próprio coração diante da graça de Deus.

O método histórico-gramatical aplicado possibilitou enxergar como os espaços — mar, ventre, cidade e deserto — não são meros cenários, mas dispositivos simbólicos de transformação espiritual e confrontação interna. Os sujeitos envolvidos — Jonas, os marinheiros, os ninivitas e o próprio Deus — compõem um mosaico de atitudes humanas e ações divinas, revelando que a misericórdia não está limitada a um povo, mas aberta a todos que se voltam ao Senhor com sinceridade.

Jonas representa o embate entre a fidelidade à identidade religiosa e a aceitação do chamado missionário universal. Sua resistência é teológica, não apenas emocional: ele conhece o caráter de Deus e teme sua bondade — sobretudo quando ela se manifesta para além das fronteiras de Israel. Os ninivitas, por sua vez, tradicionalmente vistos como cruéis e idólatras, são apresentados como capazes de arrependimento, e Deus, como um ser que vê o coração e responde com compaixão.

O livro termina de maneira abrupta, sem fornecer uma resposta final de Jonas ou detalhar o desdobramento do arrependimento dos ninivitas. Essa conclusão aberta é intencional e profundamente pedagógica. Ao suspender o desfecho, o autor desloca o centro do texto: o foco não está nos personagens humanos, mas na revelação do caráter divino – um Deus soberano, compassivo e cheio de graça. Como está escrito: “Misericordioso e piedoso é o Senhor; longânimo e grande em benignidade” (Sl 103.8).

A mensagem do livro desafia qualquer tentativa humana de limitar a graça de Deus. A compaixão divina não é regida por méritos humanos nem condicionada à tradição religiosa: ela é fruto da soberania daquele que deseja que todos se arrependam e vivam (2Pe 3.9). A pergunta final de Deus a Jonas ecoa até o leitor: “Não hei de eu ter compaixão...?” (Jn 4.11). O silêncio do profeta exige uma resposta do leitor.

Nesse sentido, o livro de Jonas aponta profeticamente para a missão do povo de Deus no mundo: uma vocação que transcende etnias, geografias e preconceitos. O contraste entre o coração de Deus e o coração do profeta remete à figura do irmão mais velho na parábola do filho pródigo (Lc 15.25-32), que, diante do perdão concedido ao pecador arrependido, recusa-se a entrar na festa do pai. Em ambas as narrativas, somos confrontados com a escolha: iremos acolher a compaixão divina ou continuaremos presos às nossas expectativas de justiça seletiva?

## REFERÊNCIAS

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

**BÍBLIA de Estudo Arqueológica**. Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Vida, 2011.

BÍBLIA Sagrada. **King James Atualizada**. São Paulo: LeYa, 2017.

CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 5.

GUSSO, Antonio Renato. **Panorama histórico de Israel**. 8.ed. Curitiba: ADSantos, 2023.

HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009.

PETERSON, Eugene H. **A mensagem**: a Bíblia em linguagem contemporânea. São Paulo: Vida, 2011.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**. 2.ed. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017. Vol. 1.

SHEDD, Russel P. **Bíblia Shedd**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008.